

Editores

Ceci Maria Costa Baptista Mariani,
Breno Martins Campos

Conflito de interesse

Não há conflito de interesses.

Recebido

19 dez. 2023

Versão Final

26 jun. 2024

Aprovado

21 ago. 2024

Mística e inquietação em Agostinho de Hipona: uma análise hermenêutico-fenomenológica do Livro X das *Confissões*

Mysticism and restless in Augustine of Hippo: a hermeneutical-phenomenological analysis of Book X of the Confessions

Marcio Cappelli Aló Lopes¹ , Caio Henrique Esponton¹ 

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Campinas, SP, Brasil. Correspondência para: M. C. A. LOPES. E-mail: <marcio.lopes@puc-campinas.edu.br>.

Artigo elaborado a partir da dissertação de C. H. ESPONTON, intitulada "A mística nas *Confessiones* de Santo Agostinho: uma análise fenomenológica". Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2024.

Como citar este artigo: Lopes, M. C. A.; Esponton, C. H. Mística e inquietação em Agostinho de Hipona: uma análise hermenêutico-fenomenológica do Livro X das *Confissões*. *Reflexão*, v. 49, e2412174, 2024. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v49a2024e12174>

Resumo

As *Confissões* de Agostinho compõem-se de um conjunto de escritos do hiponense que marcam a espiritualidade ocidental. Os grandes mestres espirituais do Ocidente, devedores à língua latina e à teologia agostiniana, tratam as *Confissões* como um arquétipo do itinerário humano que se resume na complexa trajetória existencial que visa o desfrute de Deus; isto é, a *Contemplatio Dei*, como comumente expresso nas narrativas místicas. Concebida desse modo e servindo de inspiração à espiritualidade ocidental, as *Confissões* de Agostinho, ainda hoje, fornecem variadas perspectivas de análise e um rico material para reflexão. Por isso, este artigo objetiva trazer ao cenário crescente das discussões acerca da mística no Brasil a plausibilidade de tomar as *Confissões* hermeneuticamente como uma narrativa mística dotada de profundo caráter existencial que se expressa, sobretudo, no X Livro. Tomando o Livro X das *Confissões* como síntese de um percurso místico que é retratado no conjunto da obra, intenta-se realizar uma leitura hermenêutico-fenomenológica do texto colocando em evidência a *Inquietatio Animi* como uma das características fundamentais para a compreensão do que vem a ser a mística em Agostinho de Hipona. Para isso, realizar-se-ão breves considerações sobre o conceito e as características da mística cristã que emergem de Agostinho, para, então, prosseguir com uma incursão direta na obra do autor, permitindo, na medida do possível, que Agostinho interprete a si mesmo para que, fenomenologicamente, possa emergir da obra em si a *Inquietatio Animi* como pressuposto e característica necessária da mística.

Palavras-chave: Agostinho. *Confissões*. Inquietação. Livro X. Mística.

Abstract

Augustine's Confessions are made up of a set of writings by the Hyponian that mark Western spirituality. The great spiritual masters of the West, developers of the Latin language and

Augustinian theology, treat the Confessions as an archetype of the human itinerary that are summarized in the complex existential trajectory aimed at the enjoyment of God, that is, the Contemplatio Dei, as commonly expressed in the mystical narratives. Conceived in this way and inspired by Western spirituality, like Augustine's Confessions, even today, it provides diverse perspectives of analysis and rich material for reflection. For this reason, this objective article brings to the growing scenario of discussion about mysticism in Brazil the plausibility of taking the Confessions hermeneutically as a mystical narrative endowed with a profound existential character that is expressed, above all, in the 10th Book. Taking Book mysticism in Augustine of Hippo. To this end, brief considerations will be made on the concept and characteristics of Christian mysticism that emerge from Augustine, followed by a direct incursion into the author's work, allowing, as far as possible, for Augustine to interpret himself, so that, phenomenologically, Inquietatio Animi can emerge from the work itself as a presupposition and necessary characteristic of mysticism.

Keywords: Augustine. Confessions. Restlessness. Book X. Mysticism.

Introdução

Agostinho de Hipona pode ser considerado um dos maiores influenciadores da cultura latina. Nascido na África Romana em 13 de novembro de 354, Agostinho viveu a crise do Império Romano e sua derrocada, porém não se furtou a se tornar o elo do mundo antigo com o posterior que lhe haveria de suceder. Formado no âmbito da cultura imperial, seu talento retórico levou-o a ser reconhecido nos círculos sociais mais elevados, nos quais encontravam-se uma série de intelectuais cujo modo de perceber a vida influenciou decididamente Agostinho, especialmente quando ele residia em Milão. Conhecer o bispo Ambrósio, outro baluarte da cultura romana antiga e de potencial erudição, tornou-se um fator decisivo na vida do hiponense, levando-o a consolidar a fé cristã que lhe foi legada desde a infância, porém reiteradamente rejeitada em busca de adequação aos altos círculos intelectuais do Império.

A partir de sua adesão radical ao cristianismo católico, na Páscoa de 387, Agostinho se torna um profícuo escritor que, tomando de fontes platônicas e bíblicas uma diversidade de temas, produz habilmente a síntese teológica e espiritual que será fundamental para o desenvolvimento do pensamento cristão ocidental. Assim, por volta de 397, já na África e sagrado Bispo de Hipona, Agostinho inicia a elaboração das *Confissões* (Agostinho, 2017), que encontrou um público amplo na medida em que o movimento ascético se tornava popular e os relatos das vidas de grandes personagens circulavam dinamicamente entre os cristãos. As *Confissões*, por serem o relato de um homem que abre sua intimidade ao grande público revelando-se aquilo que realmente crê ser, ganharam rápida expressividade por cunhar o modelo ideal do homem cristão, que busca ardentemente a perfeição, mesmo que constantemente confrontado com a complexidade da própria vida e suas limitações.

Abandonado pela força do ministério episcopal, no estilo de vida que Agostinho se propôs a viver nas *Confissões* (Conf.) encontra-se o eco de alguém que busca conferir significado à própria vida na medida em que reconhece a constante tensão entre o ideal desejado e a possibilidade experimentada. Agostinho percebe que olhar para o passado de sua vida – que quando lembrado torna-se presente – é uma constante hermenêutica que visa dar coerência, a partir dos detalhes, ao que ele experimenta no momento em que se põe a escrever. Por isso, os nove livros que são de cunho estritamente autobiográficos preparam para a leitura do Livro X, no qual Agostinho não se debruça a olhar para o passado, mas para o presente, que é o resultado de uma vida ordenada misteriosamente por Deus na medida em que é lida sob a *Ordo Gratiae*.

Nesse sentido, o Livro X das *Confissões* se apresenta com certa singularidade em relação à obra e, conseqüentemente, torna-se um texto analisado com frequência ao longo do tempo. A sua

singularidade está não somente no fato de ser uma leitura introspectiva em relação ao presente vivido por Agostinho, mas por ser a síntese de um itinerário místico que considera de modo fontal as características humanas do místico e, inclusive, as pressupõe para que o encontro com o divino seja plausível, fazendo com que se emerja o problema: como conjugar a inquietação existencial humana com a experiência de Deus? Ao considerar a mística um encontro radical do ser humano com Deus, no qual o humano não é anulado, mas tornado claro em todas as suas dimensões, pode-se julgar que o Livro X de Agostinho trata da mística cristã com destreza ao assumir que é *Inquietatio Animi*, com todas as suas complexidades, a condição necessária para o encontro místico.

Um olhar sobre o X Livro das *Confissões*

Dada a sua aparente falta de unidade, as *Confissões* apresentam-se aos estudiosos de Santo Agostinho como um livro complexo. Uma série de debates se travou sobre a composição da obra e a possibilidade de se entrever alguma unidade nela. A tese mais aceita é a consideração de que a obra se divide em três grandes conjuntos que dialogam entre si. Os Livros de I a IX compõem uma narrativa autobiográfica propriamente dita; o Livro X apresenta-se como um livro singular de reflexão pessoal e os Livros XI e XII são marcados pela meditação de Agostinho sobre os primeiros versículos dos Gêneses (Brachtendorf, 2020). Essa consideração levou algumas edições das *Confissões* a serem publicadas sem os últimos três livros da obra, pois os organizadores entenderam que os livros não harmonizam com o estilo ou a intenção do autor, podendo ter sido adicionados posteriormente (Conybeare, 2020).

Todavia, uma nova perspectiva acerca das *Confissões* tem conferido ao livro uma unidade programática que pode ser evidenciada ao tomá-lo hermeneuticamente como um livro espiritual, uma narrativa pessoal à luz da fé que visa expor uma experiência de Deus mais do que uma coerência autobiográfica e textual. Ao assumir que as *Confissões* são uma narrativa pessoal de Agostinho nascida de sua experiência de fé, pode-se perceber que a abertura das *Confissões*, amplamente conhecida, “Contudo, o homem quer te louvar, porque o fizeste rumo a ti e nosso coração é inquieto, até repousar em ti” (*Conf.*, I, 1), se conjuga perfeitamente com o final do Livro XIII, moldurando o conjunto da obra: “Peçamo-lo a ti, busquemo-lo em ti, batamos à tua porta: assim, nos será dado, assim acharemos, assim nos será aberto” (*Conf.*, XIII, 53). A busca por Deus encontra seu desfecho no confronto diante do mistério que se abre, que se dá, que se deixa conhecer pelo ser humano (Pinckaers, 2013)².

Posto que uma certa unidade pode ser vista nas *Confissões* enquanto um texto espiritual, não é possível negar que o Livro X constitui-se em uma ruptura, assinalada pelo próprio Agostinho na abertura do livro: “Mostrarei então, àqueles que me ordenaste servir, não aquilo que fui, mas aquilo que já me tornei e aquilo que ainda sou; mas não julgo a mim mesmo. Que assim também seja ouvido” (*Conf.*, X, 6). Tendo meditado longamente sobre o passado, Agostinho se dedica, no Livro X, a olhar para si mesmo de modo que ele coloque diante de Deus e dos homens aquilo que ele se tornou e expresse, com intimidade radical, as angústias e alegrias que permeiam seu existir no momento em que escreve esses relatos.

² Na tradução oferecida pela Editora Abril sob orientação dos jesuítas J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, o final do excerto, apesar de sua infidelidade ao texto latino literal, expressa de modo significativo o sentido: “Deste modo, sim, deste modo se há de receber, se há de encontrar e se há de abrir a porta do mistério” (*Conf.*, XIII, 53). A mesma tradução oferece uma nota na qual esse texto é cotejado com a obra *Cidade de Deus*, em que Agostinho afirma, como conclusão, algo semelhante: “Aí repousaremos e veremos; veremos e amaremos; amaremos e louvaremos; Eis o que haverá no fim sem fim” (Livro / Cap. da *Cidade de Deus*, L.XXII, 30).

O pressuposto do qual parte todo o conteúdo do Livro X é dado por Agostinho logo em seguida ao estabelecimento da ruptura narrativa: “Amo-te Senhor, não com consciência duvidosa, mas certa [...], mas o que amo quando te amo?” (*Conf.*, X, 8). A questão do amor a Deus e do desejo de conhecer o objeto desse amor irá sustentar a reflexão elaborada por Agostinho. Retomando, de certa maneira, o questionamento filosófico elaborado alguns anos antes, no *Beata Vita* (BV), sobre a felicidade, Agostinho (1998) anseia por compreender de modo existencial aquilo que afirma: “Logo, quem possui a Deus é feliz” (BV, 11). A posse de Deus, como assinalado, acompanha Agostinho desde os primórdios, e sua conversão se constitui, para ele, em um tema caro a partir do qual e para o qual ele desenvolve sua teologia, sua espiritualidade e sua mística. A posse de Deus é frequentemente traduzida por Agostinho como *Visio Dei* – elemento típico de suas obras da maturidade, como o *De Trinitate* –, que ancora o desejo humano de conduzir-se existencial e intelectualmente a Deus para possuí-lo num desfrute de plenitude (McGinn, 2012).

À pergunta “O que amo quando amo a Deus?”, elaborada por Agostinho, uma série de outros questionamentos se seguem, dando ao Livro X o teor dramático de uma alma inquieta sobre buscar o amor que lhe atrai. Agostinho se dirige de forma insistente aos objetos do mundo material – à terra, ao mar, ao céu, à lua, ao sol –, chegando à conclusão de que Anaxímenes estava errado ao afirmar que eles eram deuses. Agostinho afirma que a sua busca por Deus não se dá no nível do material e do mutável, mas deve levar em consideração a condição de criador que traz à existência tudo aquilo que pode ser captado pelos sentidos. A afirmação da superioridade de Deus em relação aos objetos materiais faz com que Agostinho repita o gesto típico de sua mística, isto é, volte para o próprio interior e indague a si mesmo sobre quem ele é, para concluir a dicotomia entre o homem interior e o homem exterior, a partir da qual se percebe a intrínseca relação existente entre um e outro, de modo que a experiência de Deus se dá mediante a complexa intimidade entre os sentidos corporais e a intelectualidade (*Conf.*, X, 9).

Voltado para si mesmo e consciente de sua condição enquanto um corpo dotado de alma, Agostinho retoma seu questionamento inicial “O que amo, então, quando amo meu Deus? Quem é Ele que está acima da cabeça da minha alma?” (*Conf.*, X, 11). Esse questionamento de Agostinho delinea o itinerário místico que irá marcar a totalidade do livro e que se relaciona com as demais narrativas descritas nos livros anteriores; isto é, a ascensão da alma até a própria transcendência para o encontro radical com Deus. A compreensão de Agostinho acerca dessa gradual subida da alma até Deus é descrita detalhadamente considerando as etapas as superações pelas quais o místico deve passar até a contemplação. Supera-se o corpo e a alma de modo a se aproximar da memória, concebida por Agostinho como uma instância superior da faculdade da alma onde se guarda tudo aquilo que é sentido e pensado (*Conf.*, X, 11-12)³.

Na longa e demorada meditação sobre a memória, Agostinho se detém a observar detalhadamente o funcionamento dessa faculdade humana de modo a concluir que, apesar da grandeza e da singularidade da memória e de estar presente nela, convivendo lado a lado com as perturbações típicas da alma – desejo, alegria, medo e tristeza – que emergem à consciência na medida em que a memória é exercitada, Deus não se restringe a ela. Em suma, na concepção de Agostinho, a memória pode ser considerada como a consciência de Deus e de si mesmo, como ele afirma: “Grande faculdade é a memória, meu Deus, algo assustador, multiplicidade profunda e infinita; e isso é a mente, e isso sou eu” (*Conf.*, X, 26). Aqui, pode-se perceber uma narrativa clara da ascensão mística da alma por meio da memória:

³ Uma abordagem detalhada sobre o assunto, desenvolvida comparativamente com os relatos extáticos dos Livros VII e IX, pode ser encontrada em McGinn (2012).

[...] Tamanha faculdade é a memória, e tamanha faculdade de vida está no homem que vive mortalmente! O que farei então, minha verdadeira vida, meu Deus? Ultrapassarei até essa minha faculdade que chamam memória, irei além para buscar a ti, doce luz. O que me dizes? Eis que ascendo a ti, que permaneces acima de mim, passando pela minha mente: ultrapassarei essa minha faculdade que chamam memória, querendo te alcançar por onde poder ser alcançado e me unir a ti por onde é possível se unir a ti. [...] Logo, ultrapassarei até a memória para alcançar aquele que me distinguiu dos quadrúpedes e me fez mais sábio que os pássaros do céu. Ultrapassarei a memória, mas para te encontrar onde, verdadeiro bem, suavidade segura, para te encontrar onde? Se te encontro além da memória, sou imêmore de ti. E como te encontrarei se não me lembrar de ti? (*Conf.*, X, 26).

A ascensão da alma até Deus pela memória defronta-se com o paradoxo de que superar a memória torna impossível se lembrar de Deus, porém, sabe-se que Deus está além da memória e é preciso ir além dela para encontrá-lo. Sem conseguir dar uma resposta objetiva ao problema, Agostinho retoma a temática da vida feliz como um desejo que mobiliza o ser humano à busca por Deus. Na memória, encontra-se gravada a sensação de felicidade e plenitude almejada pelo homem em sua trajetória e encontrada em Deus: “De fato, quando te procuro, procuro a vida feliz. Procurar-te-ei para que viva minha alma” (*Conf.*, X, 29). A vida feliz, portanto, Deus, é o desejo incutido em cada coração humano que desperta a atitude de busca e abre a possibilidade de uma existência que se lança ardentemente à tentativa de encontrar sentido.

O desejo de vida feliz, misteriosamente contido na memória, impulsiona o ser humano a desinstalar-se de si mesmo para lançar-se à busca pela posse e pelo desfrute de Deus. Esse é o pressuposto que embasa a mística do Livro X e é expressa, de modo singular, na ruptura da narrativa que se dá precisamente em seguida a essa constatação. Agostinho rompe drasticamente a narrativa especulativa que vinha construindo até o presente momento de modo a utilizar-se da linguagem poética como expressão de um êxtase; isto é, de um momento de contemplação radicalmente delirante no qual a linguagem, como afirma Michel de Certeau, não consegue elaborar racionalmente aquilo que é experimentado, mas obriga-se a uma operação dramática na qual os sentidos objetivos ganham conotação altamente contrastantes e a experiência mística se expressa no paradoxo poético, na liricidade, no irromper de uma palavra que supera os limites da lógica (Certeau, 2015).

O poema agostiniano expressa o paradoxo místico da linguagem de forma excepcional:

Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei. Mas eis: estavas dentro e eu fora. Lá fora eu te procurava e me atirava, deforme, sobre as formosuras que fizeste. Tu estavas comigo, mas eu não estava contigo. Mantinham-me longe de ti coisas que, se não estivessem em ti, não seriam. Chamaste e clamaste e quebraste minha surdez; faiscaste, resplandeceste e expulsaste minha cegueira; exalaste e respirei e te aspirei; saboreei e tenho fome e sede; tocaste-me e, ardo na tua paz (*Conf.*, X, 38).

Seria o “Tarde te amei” a expressão de que em outras narrativas místicas de Agostinho considera-se o êxtase, isto é, a contemplação imediata de Deus, na qual a alma se coloca diante do divino em sua radical alteridade até a exclusão total da lógica argumentativa e narrativa, o que denota uma experiência que transcende o sujeito sem, porém, anulá-lo (McGinn, 2012). Em seguida a essa constatação, ou seja, à contemplação, Agostinho empreende o caminho de descenso da alma. Como típico das narrativas místicas, e conferindo a elas certa uniformidade, a experiência contemplativa é momentânea e imediatamente seguida de uma descida do místico às próprias condições enquanto ser humano.

No Livro X, essa descida da alma a si mesma é marcada pela afirmação de Agostinho: “Quando me juntar a ti com todo meu ser, nunca mais haverá para mim fadiga e dor, e viva será

minha vida, toda plena de ti. Mas agora tu elevas aquele que preenches, e como não estou pleno de ti, sou um problema para mim mesmo” (*Conf.*, X, 39). O tornar-se um problema para si mesmo é um elemento fundamental na mística agostiniana, pois ele indica que, ao olhar para si, para a própria humanidade, desvela-se uma complexidade que, mais do que compreendida, é vivenciada. Nesse sentido, a longa meditação sobre as tentações que segue o relato torna-se o símbolo do mais radical confronto consigo mesmo, no qual se evidenciam as possibilidades de ruína que permeiam a vida e obstruem o desejo de perfeição em Deus (*Conf.*, X, 39-60).

O final do Livro X aponta para um ato de confiança de Agostinho em Deus de forma que, diante da própria fragilidade, ainda há o abandono místico em Deus. De fato, a tradição mística cristã reconhece o abandono em Deus a partir de narrativas muito significativas que colocam em evidência a mística como o deleite do Criador e a total entrega da vida ao Mistério Divino. O místico, assim como Agostinho assinala no seu Livro X, ainda que não explicitamente, é aquele que contempla a Deus sem perder de vista suas próprias limitações e, perante o conflito entre o almejado e o possível, entrega-se humildemente, afirmando:

Aterrado pelos meus pecados e pelo peso das minhas misérias, cultivei e meditei em meu coração uma fuga para solidão, mas tu me detiveste e me confortaste dizendo: Cristo morreu por todos a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu por eles. Eis, Senhor, descarrego em ti minha aflição, para viver e considerar as maravilhas de tua lei. Tu sabes minha ignorância e minha fraqueza: ensina-me, cura-me. Teu Filho único, no qual acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento, me redimiu com seu sangue. Não me caluniem os soberbos, porque eu penso em meu resgate e o como, bebo e distribuo e, pobre, desejo ser saciado entre aqueles que comem e são saciados: e louvarão a Deus aqueles que os procuram (*Conf.*, X, 70).

Nesse sentido, é possível assumir o Livro X das *Confissões* como um itinerário místico desencadeado pelo desejo de Deus, que leva Agostinho a empenhar-se em olhar para si e perceber-se como um problema no qual se conjugam Deus e o pecado em estrita convivência, dando à humanidade sua complexidade. Ora, a consideração de uma humanidade que é complexa, mas dotada da possibilidade de Deus sem que para isso haja uma anulação de si mesma, marca a mística de Agostinho como uma experiência que se dá no campo da existência concreta, de sua facticidade, de sua radical inserção no mundo. A experiência de Deus, assim como narrada por Agostinho, é, ao mesmo tempo, uma experiência humana, de forma que é indissociável pensar a possibilidade de Deus sem a imersão no *humanum*.

A inquietação como característica da mística agostiniana

Exposto o panorama do Livro X a partir de uma hermenêutica-fenomenológica que o toma como uma narrativa espiritual, é possível evidenciar algumas características singulares da experiência mística que é narrada por Agostinho. Partindo da concepção de Michel de Certeau que a mística se constitui como um campo caracterizado pela formação de uma linguagem e pela elaboração de um corpo textual que visa traduzir uma experiência que em si é intraduzível, o Livro X das *Confissões* compõe um campo a partir do qual se pode entrever uma experiência que ganha contornos linguísticos numa narrativa pessoal do próprio itinerário contemplativo e da qual se extrai uma estrutura tipicamente presente nos relatos místicos, que é composta de: desejo, ascensão e descenso da alma (Bataille, 2020).

Comparativamente, há nos místicos uma coerência no que diz respeito aos estágios de sua experiência, que, normalmente, se inicia no desejo de possuir ou contemplar a Deus, culminando em um caminho ascensional da alma que supera os limites do sensível para adentrar o campo do

intelecto até superá-lo, para, no limite de si mesmo, contemplar a Deus e, seguidamente, voltar ao próprio cotidiano (Maritain, 1946). Assim, a estrutura básica da mística cristã, herdada largamente das considerações de Plotino sobre os estágios da alma para a união com o Uno, foi amplamente utilizada por Agostinho em suas próprias narrativas, como se pode perceber nos Livros VII e IX, nos quais ele relata êxtases místicos obtidos mediante a meditação sobre livros platônicos e sobre uma conversa com a sua mãe em Óstia.

Em relação ao Livro X, essa estrutura está presente na constituição do próprio livro. O desejo de possuir Deus, expresso na pergunta que abre o livro: “O que amo quando amo a Deus?”; o percurso ascensional narrado pelo próprio Agostinho e que culmina na entrada em si mesmo, especialmente na memória; a contemplação narrada poeticamente e o descenso da alma com a constatação das tentações compõe o conjunto da obra e confere a ela sua singularidade. Entretanto, o que permite esse caminho de contemplação mística é um pressuposto caro a Agostinho, que marca não só o Livro X, mas todo o conjunto das *Confissões*: a inquietação. A *inquietatio animae* é a postulação que possibilita a Agostinho reconhecer suas potencialidades e limitações e, inclusive, é o pressuposto elementar para que a experiência mística ocorra, uma vez que é a alma inquieta que se dispõe a Deus.

Incluso no conjunto das *Confissões* cujo plano orientador se apresenta no Livro I: “Contudo, o homem quer te louvar, porque o fizeste rumo a ti e nosso coração é inquieto, até repousar em ti” (*Conf.*, I, 1), o Livro X apresenta uma série de inquietações que dispõe a alma de Agostinho a voltar-se para Deus numa tentativa de respondê-las. Logo no início do Livro X, uma série de perguntas é elaborada por Agostinho, inclusive acerca da motivação da sua obra: “Mas então, o que eu tenho a ver com os homens, para que escutem minhas *Confissões*, como se devessem curar todos os meus males?” (*Conf.*, X, 3). Uma série de perguntas se seguem a essa, demonstrando que Agostinho pensa em encontrar respostas acerca dos motivos que embasam a elaboração das *Confissões*. Seguido a essas perguntas, Agostinho elabora o pressuposto que fundamenta a reflexão posterior e que é uma constante em sua obra: “Amo-te Senhor, não com consciência duvidosa, mas certa. Percutiste meu coração com tua Palavra e te amei” (*Conf.*, X, 8). Entretanto, o amor pressuposto a Deus desperta uma inquietação fundamental: “Mas, o que amo quando te amo?” (*Conf.*, X, 8). O que amo, pergunta Agostinho, quando amo a Deus? Em suma, a pergunta de Agostinho é um dado fundamental à fé, pois amar a Deus implica em conhecê-Lo. O dilema agostiniano, nesse ponto, é o dilema da fé cristã: o que se ama quando se ama a Deus? Isto é, o que é Deus? A resposta, ardentemente buscada na teologia e na filosofia e amplamente abordada por Agostinho nas meditações sobre a Trindade, pode ser obtida, com certa plausibilidade, na experiência mística, pois constata a total transcendência de Deus. Como afirma o Pseudo-Dionísio Areopagita, o conhecimento de Deus só pode se dar mediante a contemplação radical do Mistério (Dionísio, 2021).

É nesse sentido que a inquietação sobre o caráter de Deus fundamenta a mística de Agostinho. Quem é Deus? Como conhecer aquele a quem se ama? Ora, essas perguntas iniciam o percurso ascensional de Agostinho, uma vez que, formuladas repetidamente e dirigidas às coisas sensíveis, buscam uma resposta que as satisfaçam. Todavia, percebe-se que, na medida em que o hiponense se pergunta, se inquieta; uma gama de possibilidades de resposta se abre. Investigando pelos sentidos, Agostinho chega à conclusão de que não é possível responder por meio deles a sua inquietação. A pergunta sobre Deus que lhe inquieta não é uma pergunta exterior, mas interior; por isso, a resposta só pode ser obtida mediante a *Via Interioris*, uma das principais características da mística de Agostinho (Trapè, 2018).

Voltado para o seu interior em busca de uma resposta para o seu questionamento, Agostinho adentra o mais íntimo do ser humano, considerado por ele como sendo a memória. A ampla meditação sobre a memória busca empreender a construção de uma resposta sobre onde Deus pode ser encontrado e como ele pode ser conhecido. Agostinho, porém, não conclui objetivamente o raciocínio, encerrando-o com o segundo questionamento fundamental de sua mística: “O que sou, então, meu Deus? Qual é minha natureza? Vida variada, multiforme, de caudalosa imensidade” (*Conf.*, X, 26). A inquietação por Deus e por si mesmo marca a proximidade que é típica da mística de Agostinho entre o conhecimento de Deus e do ser humano. Assim como em outras obras – especialmente a *De Trinitate* –, o conhecimento de Deus depende de um profundo conhecimento do humano, uma vez que o caminho até Deus nasce dos vestígios deixados por Ele na alma (Trapè, 2018).

Nesse sentido, Agostinho inquieta-se num turbilhão de dúvidas que embasam sua reflexão sobre a busca de Deus: “Mas então, de que maneira te procuro, Senhor? De fato, quando te procuro, meu Deus, procuro a vida feliz [...] De que maneira, então, procuro a vida feliz? Não a possuo até dizer: ‘Basta! Está lá!’” (*Conf.*, X, 29). Mais uma série de questionamentos nascem da pergunta sobre a vida feliz, de modo que se pode perceber que Agostinho se inquieta angustiadamente acerca do que busca e do conhecimento daquele a quem ama. As perguntas ganham uma entonação cada vez mais expressiva até chegarem ao limiar da experiência contemplativa. Agostinho coloca com violência a questão: “Onde e quando, então, experimentei a minha vida feliz, para lembrá-la, amá-la e desejá-la?” (*Conf.*, X, 31). À medida que a reflexão acerca da vida feliz se desdobra, Agostinho deixa entrever seu interior inquieto, tomado por uma série de questões que se complexificam, conjugam entre si uma diversidade de percepções, até o ápice: “Mas onde estás em minha memória, Senhor, onde estás nela? Que aposento fabricaste para ti? Que santuário te edificaste?” (*Conf.*, X, 36). E continua: “Onde te encontrei, para te apreender? Com efeito, não estavas já em minha memória, antes de te aprender. Então, onde te encontrei, para te aprender, senão em ti, acima de mim?” (*Conf.*, X, 37).

A inquietação angustiada de Agostinho não encontra uma resposta objetiva, sistemática, teológica. À inquietação se responde poeticamente, num estado de contemplação no qual as palavras se calam e a racionalidade se obnubila. Aqui, o “Tarde te amei” rompe drasticamente o livro como que oferecendo uma conclusão aos inúmeros anseios de Agostinho, de modo que, a experiência mística, isto é, a *Visio Dei*, é a resposta experimental às angústias humanas que se emprenham na busca de Deus. O Deus vivo, ansiado e buscado, não é o Deus que responde racionalmente às questões colocadas sobre Ele, mas é aquele que se desdobra sobre o místico em uma experiência profunda de amor, a partir do qual as inquietações se sanam.

Entretanto, apesar do momento profundamente contemplativo diante do qual as inquietações de Agostinho se desfazem, o seguimento do livro retoma de modo muito expressivo uma sequência de reflexões que demonstram a possibilidade da tentação como uma realidade presente cotidianamente na vida de Agostinho. O seu olhar sobre as tentações coloca diante dele a possibilidade de um existir autêntico; isto é, de uma existência que se ampara em Deus e Nele encontra sentido, assim como eventualidade do fracasso, o que significa a possibilidade de um perder-se sobre si mesmo, sobre as limitações próprias da condição humana (Gonçalves, 2011).

A inquietação que leva Agostinho a buscar a Deus e a investigar os meandros da memória e o mais íntimo de si até a *Visio Dei* renasce torrencialmente no descenso da alma quando, ao olhar para si, Agostinho evidencia: “Quando me juntar a Ti com todo o meu ser, nunca mais haverá para mim fadiga e dor, e viva será minha vida, plena de Ti. Mas agora [...] como não estou pleno de Ti, sou um peso para mim mesmo” (*Conf.*, X, 39). Ser um peso para si mesmo expressa a atitude interior de

insatisfação com a situação existencial presente. Agostinho sente que, na medida em que ainda não se encontra repleto de Deus ou partícipe pleno de sua divindade, não pode se compreender como alguém realizado ou feliz.

A longa meditação que acompanha a reflexão sobre as tentações não se enquadra no plano da mora, mas coloca Agostinho frente a frente com a própria identidade e com a possibilidade de uma existência marcada pela transitoriedade e pela afirmação de si mesmo em detrimento da possibilidade de uma vida em Deus. Nesse sentido, o olhar do Livro X, que compreende um itinerário místico significativo, termina com a recusa de uma existência fechada sobre si, sobre os próprios anseios e apetites, sobre as próprias vontades. Agostinho inquieta-se consigo mesmo diante da possibilidade de uma existência sem significado, e é essa inquietação permanente que o coloca a buscar Deus e o faz encontrá-lo no *humanum*.

Considerações Finais

O presente artigo objetivou colocar em evidência a experiência mística de Agostinho de Hipona assim como narrada no Livro X das *Confissões*, mediado por uma leitura hermenêutico-fenomenológica. Para alcançar esse intento, apresentou-se de modo introdutório um breve percurso biográfico de Agostinho, o qual foi complementado pela problemática acerca da conjugação da experiência humana e da inquietação como uma experiência plausível de ser associada à mística, pelo fato de que a mística, de modo especial em Agostinho, não supõe uma anulação do ser humano, mas, ao contrário, torna-o um pressuposto fundamental e um componente incontornável para que a experiência de Deus possa ser percebida em sua complexidade e radicalidade.

O primeiro tópico do presente estudo empreende um olhar geral sobre o Livro X de modo que se possa observar fenomenologicamente os aspectos que lhe são caros e que o próprio Agostinho permite entrever diante da exposição do seu íntimo. Percebeu-se que o Livro X, apesar de não compor um trato sistemático acerca da mística cristã, conjuga em sua estrutura algumas características comuns aos demais relatos tipicamente místicos tanto de Agostinho como de outros autores. A busca por Deus, a ascensão da alma, a contemplação e o descenso da alma à realidade são elementos que compõem a maioria dos relatos extáticos de Agostinho (Livros VII e IX) e formam uma base para a estruturação de uma narrativa mística mais elaborada, como aquela contida no Livro X.

No segundo tópico percebe-se que todo o movimento da alma relatado por Agostinho em busca de Deus e o confronto que ele estabelece consigo mesmo mediante o olhar dirigido às tentações estão fundamentados em uma atitude interior de constante inquietação. Agostinho, como se pode perceber, não é um espírito calmo, mas constantemente agitado pelas questões que emergem da vida. O hiponense de certa forma, permite-se se inquietar, deixa-se tocar, não é indiferente aos muitos motivos pelos quais é chamado a pensar a própria existência. A existência de Agostinho é, desta maneira, constantemente inquieta e anseia por um sentido que lhe confira consistência, solidez, segurança. A busca por esse sentido lhe possibilita experimentar Deus; isto é, lhe permite conhecer misticamente aquilo que ele deseja, ainda que, como é típico dos místicos, de modo fugaz.

Em resumo, pode-se afirmar que o Livro X, considerado o centro das *Confissões* pela sua singularidade, constitui o relato de um itinerário de uma alma existencialmente incômoda que busca um sentido absoluto para sua vida. Nascido de uma inquietação que o angustia, marcado

por uma inquietude constante a cada passo da ascensão da alma, inquieto por conceber Deus e expressá-lo e violentamente agitado pelo confronto com sua humanidade, o itinerário místico de Agostinho carrega como característica uma inquietação típica do plenamente humano. Por isso, pode-se perceber que a *Inquietatio Animae*, enquanto afirmação do *humanum*, é uma característica fundamental na compreensão de uma experiência mística que não anula o místico, mas o faz compreender existencialmente a presença de Deus nas tensionalidades da vida.

Referências

- Agostinho. *Confissões*. Tradução de Lorenzo Mammí. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- Agostinho. *Vida Feliz*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998. (Coleção Patrística).
- Bataille, G. *A experiência interior: seguida de Método de Interpretação e Postscriptum 1953*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- Brachtendorf, J. *Confissões de Santo Agostinho*. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2020.
- Dionísio. *Teologia Mística*. Tradução de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Mauad X, 2021.
- Gonçalves, P. S. L. *Ontologia Hermenêutica e teologia*. Aparecida: Editora Santuário, 2011.
- Maritain, J. *Distinguer Pour Unir ou Les Degrés du Savoir*. Paris: Desclée de Nrouwer et c" Éditeurs, 1946.
- McGinn, B. *As fundações da mística: das origens ao século V*. Tradução de Luís Malta Louceiro. São Paulo: Paulus, 2012. (Coleção História da Mística Cristã Ocidental).
- Trapè, A. *Agostinho: o homem, o pastor, o místico*. Tradução Francisco Evaristo Marcos; Marcos Roberto Nunes Costa. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

Colaboradores

Todos os autores colaboraram igualmente na formulação, estruturação, análise e revisão da versão final deste artigo.